

# ESCRITA, IDENTIDADE E PODER: A ORGANIZAÇÃO TEXTUAL NAS NOVAS TECNOLOGIAS

*Hermano de França Rodrigues*  
UFPB –PPLP  
hermanors@bol.com.br

**RESUMO:** Nos últimos anos, os avanços lingüísticos promoveram profundas transformações no cenário educacional, particularmente, no que concerne aos métodos avaliativos que demarcam a tênue e profícua relação aluno-professor. Deparamo-nos a todo instante com modernas teorias, novos constructos metodológicos e tecnologias que impõem ao profissional de Letras uma atualização de seus conceitos e valores. Em outras palavras, esse púbere e consistente aporte exige que o sujeito construa ou edifique outras formas de apreensão da realidade que o circunda. Nessa perspectiva, o *ambiente moodle* constitui um espaço onde as práticas avaliativas necessitam e merecem ser discutidas, reavaliadas ou, simplesmente, revisitadas. A produção escrita, que consubstancia grande parte das atividades desenvolvidas pelos usuários (discentes e professores), requer uma análise mais crítica, reflexiva e dinâmica. Dessa forma, desenvolvemos um estudo que busca examinar as feições de uma *escrita* que se caracteriza, muitas vezes, por desvios gramaticais, heterogeneidade semiótica e, não raro, inadequação ao gênero textual. Não tencionamos apregoar estigmas, porpor fórmulas de *certo* ou *errado*, mas tão somente compreender o funcionamento dos fenômenos lingüísticos dentro desse grande universo tecnológico, detentor de múltiplas ferramentas e que concentra muitos desafios.

**PALAVRAS-CHAVE:** escrita – poder - virtualidade

**ABSTRACT:** In recent years, the linguistic advances had promoted deep transformations in the educational scene, particularly, with respect to the methods of assessment that demarcate the tenuous one and useful relation between professor and student. We come across in all instant with modern theories, new methodologies and technologies that impose to the

professional of Letters an update of its concepts and values. In other words, this fact demands that the citizen constructs other forms to understand the reality that involves it. In this perspective, the environment moodle constitutes a space where the practical of evaluation need and deserve to be argued, evaluated or visited again. The written production, that binds great part of the activities developed for the users (students and professors), requires a more critical, reflexiva and dynamic analysis. Like that, we develop a study that it searches to examine the way of a writing that if characterizes, many times, for grammatical shunting lines, of different nature semiotics and, not rare, not adequacy to the sort of the text. We don't plan to divulge formulas of right or wrong, but only to understand the functioning of the linguistic phenomena, inside of this great technological universe, that possesses some tools and concentrates many challenges.

**KEY-WORDS:** writing – power - moodle

## **I – Do homem à escrita: algumas considerações**

Desde épocas longínquas, o homem sucumbe-se às vicissitudes da linguagem, seja por necessidade ou, simplesmente, por determinação de seus desejos e anseios. Nossos ancestrais desenvolveram um aparato sígnico, pautado em gestos, sons e figuras, que lhes permitiu compreender uma atmosfera amorfa, um vasto mundo natural que, gradativamente, foi sendo desvendado, construído e transformado pelas intervenções simbólicas da linguagem. É verdade que os hominídeos alcançaram a evolução a partir do momento em que a interação com o mundo lhes impingiu novos parâmetros de conduta. Biologicamente o cérebro desenvolveu-se e, com isso, a memória cognitiva pôde vislumbrar, cada vez mais, os fenômenos que se descortinavam a sua volta. Todavia, não haveria evolução, seja fisiológica, genética ou subjetiva, se as interconexões neurônicas não estivessem intimamente relacionadas à faculdade da comunicação.

A descoberta do fogo, a invenção da roda, as conquistas do Império Romano, as Grandes Navegações Portuguesas são, antes, provas da capacidade do homem de pensar e agir consoante suas relações com si próprio, com o outro e com o mundo, do que simplesmente façanhas de valor documental realizadas por indivíduos

ou grupos num determinado tempo e lugar. O mundo que conhecemos e nos envolve é aquele edificado por intermédio de nossas relações históricas, sociais, culturais e individuais. De nossas vivências, extraímos os dados necessários à (re)significação dos dados constituintes de nossa identidade. Linguisticamente falando, as interlocuções a que o indivíduo se submete, incita-o à ação, fazendo-o perceber a realidade circundante. Somente reconhecendo o *cosmos* onde habita, consegue identificar-se e distinguir-se. Segundo Benveniste, *é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito* (1976, p.286.). Esse axioma revela-se bastante pertinente, no percurso que estabelecemos, na medida que concebe as relações linguageiras como os elementos formadores da subjetividade humana. Se pensarmos bem, a comunicação permeia, ou melhor, valida a existência do homem. É um instrumento imprescindível para a cristalização das funções ou papéis que o indivíduo assume e abandona no decorrer de suas relações, confrontos, colisões e suscetibilidades ideológicas.

Os historiadores, pelo menos os mais tradicionais, apregoam o surgimento da escrita como um marco divisor de tempo e, conseqüentemente, da evolução humana. Temos, assim, um período *pré-histórico* marcado pelo ostracismo de uma humanidade que utilizava instrumentos arcaicos e expressava-se de forma obsoleta. E, em oposição, irrompe-se uma “*História*” que se delineia e efetiva-se a partir de sociedades consideradas desenvolvidas, não-rudimentares, visto que elaboram um sistema de escrita (cujos índices semiológicos variam de sociedade para sociedade) capaz de satisfazer grande parte das necessidades que ora surgiam. Esse dado mostra o quão privilegiada é a escrita quando somos impulsionados a compreendê-la em seus estratos de origem. É plausível que, antes mesmo do advento da escritura, as comunidades primitivas produziram engenhosos e abstrusos sistemas de comunicação. Seríamos, no mínimo, anacrônicos se concebêssemos tais mecanismos como ultrapassados e imperfeitos. Os grunhidos, as pinturas no interior das cavernas, as expressões faciais e corporais apresentavam, indubitavelmente, nesse momento histórico, uma complexidade que, somente pode ser

vislumbrada em sua totalidade, quando examinada em consonância às condições temporais e espaciais que lhe deram suporte. Por razões das mais variadas ordens, as sociedades menosprezaram esse instrumental semiótico em detrimento da escrita que, no decurso da história, foi adquirindo uma importância, cada vez maior, na vida das grandes civilizações. Recorrendo às palavras de Marcuschi, temos:

Os usos da escrita, [...], quando arraigados numa dada sociedade, impõem-se com uma violência inusitada e adquirem um valor social até superior à oralidade. (2003, p.17)

Nossas gramáticas, referindo-se, aqui, as convencionalmente denominadas de normativas, são oriundas da era clássica. Foram compiladas pelos estudiosos gregos que, imbuídos de preceitos elitistas, elencaram como forma correta de expressão a modalidade lingüística empregada pelos fidalgos, ou seja, aquela, estilisticamente elegante, que os identificava enquanto indivíduos socialmente diferentes. Esse grupo, hierarquicamente superior, concentrava em suas mãos as prerrogativas econômicas e culturais que definiam seu *status* perante a sociedade e ante aqueles que a compunham. Dessa forma, foi-nos legado um tratado gramatical lacunoso, limitado e, em certas ocasiões, ineficiente por pressupor a existência de um falante ideal e uma língua uniforme, inalterável e, sobretudo, distante dos usos reais que dela fazem os seus usuários. Eis o testemunho de Bagno sobre o assunto:

Por causa de seus preconceitos sociais, os primeiros gramáticos consideravam que somente os cidadãos do sexo masculino, membros da elite urbana, letrada e aristocrática falavam bem a língua. Com isso, todas as demais variedades regionais e sociais foram consideradas feias, corrompidas, defeituosas, pobres etc. (2006, p.24)

As variações lingüísticas e as estruturas da oralidade foram impunemente banidas dos compêndios gramaticais. Os gregos privilegiaram a escrita dos grandes literatos para a construção das regras que, séculos depois, desatualizadas, continuariam vivas e atuantes nos estabelecimentos de ensino. Esse modelo, envolto por princípios segregadores e inconsistentes, tornou-se quase que impermeável aos avanços lingüísticos e às exigências pedagógicas. Mesmo sufocados por uma política educacional dita democrática, libertadora, igualitária e reflexiva, deparamo-nos, ainda, com as velhas dicotomias que tentam separar, rigidamente, a escrita e a oralidade. A esta, atribuem-se características que a situam como fenômeno caótico, ilógico e impreciso. Àquela, impõem-se propriedades que a deslocam para o eixo da regularidade, do planejamento, da precisão. Evidentemente, há algumas imperfeições nessa concepção e em outras com as quais nos defrontamos frequentemente, como a perspectiva culturalista, a variacionista, a sociovariacionista, entre outras.

Nesse âmbito, cabe ao profissional de Letras uma ação apaziguadora e reflexiva. O conhecimento sobre fatos históricos da língua é necessário para uma tomada de consciência coerente e segura. Somos uma sociedade de oralidade secundária. Cronologicamente, colocamo-nos ante o mundo como seres falantes; nascemos, inclusive, com tal faculdade. Entretanto, a sociedade moderna impôs práticas e condutas culturais que suplantaram, violentamente, a fala, elevando, por outro lado, a escrita a um patamar de destaque. Aliás, elegemo-la a modalidade lingüística a ser seguida e ensinada. Não vamos à escola para aprender a falar, mas somos submetidos a um sistema de ensino para adquirir, “competentemente”, a escrita. Ela está presente nas esferas sociais mais formais e corriqueiras de nosso cotidiano: na escola, na família, no trabalho, na vida burocrática etc.

Grosso modo, a escrita apresenta-se como um fenômeno *relacional*, cuja configuração semiótica, semiológica e semântica depende das condições que gerenciam seu aparecimento, tais como: cognição e intencionalidade dos interlocutores, *locus* interativo, gênero textual empregado etc. Esta última, por sua vez, parece amalgamar as duas outras condições. Isso porque a confecção de um

gênero prevê a existência de sujeitos, cognitivamente ativos, que, situados num espaço e tempos significativos, dialogam com suas experiências, extraindo delas os elementos para a materialização de seus valores, anseios, enfim, de sua intencionalidade. O texto, enquanto categoria resultante desse processo, traz, em sua tessitura, as marcas intersubjetivas e estruturais que contornam o imbricado jogo enunciativo.

No ciberespaço, onde as fronteiras discursivas se dissipam e se erguem instantaneamente, encontramos uma efervescência de novos gêneros e, por conseguinte, entramos em contato com configurações textuais das mais exóticas, esdrúxulas e diferentes. Esse gigantesco ambiente, aparentemente democrático e ilusoriamente sem dono, possui leis lingüísticas que precisam ser levadas em consideração para que a compreensão, a coerência e a coesão das unidades textuais não sejam comprometidas. Tornou-se um lugar-comum afirmar que a oralidade influencia diretamente alguns *gêneros virtuais* devido às próprias peculiaridades que os envolvem. Muitos gramáticos chegam, inclusive, a prever a ruína do idioma ao se depararam com a “língua” usada nos *chats*, bate-papos, listas de discussões etc. Certamente, a escrita não vai desaparecer ou se deturpar porque determinados usuários não seguem os dogmas prescritos pela gramática. O assunto requer, na verdade, uma apreciação menos apocalíptica e unilateral.

Somos sujeitos socialmente organizados. Isso significa dizer que, conscientemente ou não, reproduzimos ações, comportamentos, ideologias que determinam e asseguram nossa pertença ao corpo social. Este, como órgão repressor e profundamente hierarquizado, classifica todos os valores (sociais, culturais, históricos, econômicos) que nele circulam, se transformam e se adaptam, considerando-os necessários ou indispensáveis, morais ou imorais, autênticos ou falsos, certos ou errados. Entre esses valores encontra-se a linguagem, uma das mais importantes instituições inscritas na biografia do indivíduo. Embora a aquisição de uma consciência educacional democrática seja necessária, é preciso saber, outrossim, que a língua padrão, imbuída de preconceitos e limitações, goza de certos

privilégios. Socialmente, constitui um *bem simbólico e, portanto, existe uma demanda social por essa “língua certa”, identificada como um instrumento que permite acesso ao círculo dos poderosos, dos que gozam de prestígio na sociedade* (Bagno, 2006, p.29).

No mundo revolucionário e tecnológico, as velhas práticas e o novo saber científico chocam-se radicalmente. Não é preciso conceber a gramática normativa como um *manual de escoteiro* nem tampouco desprezá-la. O relevante é a compreensão do fenômeno nas situações em que ocorre. No caso específico da escrita, convém compreendê-la a partir do exame das condições de sua produção, ou seja, focando a relação produtor – escrita – gênero textual.

## **2. O fórum: a escrita em metamorfose.**

Na plataforma *moodle*, sistema utilizado por algumas universidades brasileiras como canal virtual de aprendizagem, os professores organizam a disciplina de maneira sistemática e cronológica, procurando usufruir, ordenadamente, dos recursos disponíveis nessa tecnologia. Há uma multiplicidade de ferramentas que tornam o sistema mais dinâmico e interativo. Metodologicamente, a organização dos conteúdos, as atividades avaliativas e a realização do *feed-back* obedecem aos ditames gerenciais do professor que, nesse sistema, conta com a ajuda de colaboradores, também chamados *tutores à distância*. A aprovação do aluno depende do desempenho satisfatório que este obtiver nas atividades propostas. Há uma liberdade para o professor instituir os exercícios por meio dos quais se dará a avaliação da aprendizagem.

Dentre os vários instrumentos avaliativos vinculados ao *moodle*, um se destaca pela praticidade, reciprocidade e compartilhamento de saberes: o fórum. É um recurso subsistente em todas as disciplinas e utilizado, geralmente, como método de complementação de notas. De usos distintos, sua configuração estrutural adapta-se aos objetivos que se quer alcançar. Aqui, limitar-nos-emos, contudo, àquele construído pelo docente com a finalidade de discutir, interativamente, alguns aspectos do conteúdo previsto na disciplina.

Como as demais atividades, o fórum exige que o aluno detenha certa habilidade com o idioma, isto é, com a modalidade escrita da língua. Sua participação, em forma de comentário, precisa ser efetivada mediante a construção de um texto coerente e coeso. Embora as circunstâncias de acesso construam, ilusoriamente, um ambiente de liberdade e informalidade, o que se espera, na verdade, é uma postura discursiva que traduza a formalidade da sala de aula. Provavelmente, a ausência de figuras repressoras como a do professor e a dos colegas de sala contribua para o intenso “descuido” com a linguagem.

Não queremos dizer que os desvios cometidos nesse gênero sejam indícios de incapacidade ou inaptidão ao curso. Defendemos apenas que medidas corretivas devem ser estabelecidas a fim de sanar tal deficiência. Não podemos ignorá-los, *escanteá-los* ao bel prazer, principalmente se tais transgressões são cometidas por alunos do Curso de Letras. Como futuros professores de língua portuguesa, os discentes devem se conscientizar da necessidade de utilizar, com destreza, a sua língua materna. A desenvoltura com o idioma não implica a utilização de um vernáculo erudito, de uma sintaxe parnasiana ou empregos de mesóclises. O profissional competente é aquele que consegue adequar sua expressão às mais diversas situações, sejam formais, coloquiais ou populares.

Em nossa vivência no ensino à distância, especificamente no curso de Letras, confrontamo-nos com textos, inseridos em fóruns que, em sua maioria, apresentam-se gramaticalmente vulneráveis. Concentram desde problemas de ordem organizacional (usos de conectivos) a equívocos ortográficos, sintáticos e semânticos. É patente que tais desvios não são exclusivos desse gênero e muito menos específicos dos alunos que os promoveram. Sabemos que inadequações gramaticais permeiam todas as classes sociais e, naturalmente, todos os níveis profissionais. No entanto, estamos falando de professores, sujeitos formadores de opinião, que serão avaliados segundo os conhecimentos pressupostos em sua formação profissional e intelectual.

A naturalidade que se instaura nos fóruns, talvez, seja um dos fatores responsáveis pelo “desapego” aos preceitos normativos. O ambiente descontraído e escasso de olhares reprovatórios constitui, sem dúvida alguma, um espaço propício para a utilização de uma escrita pouco afeita às leis gramaticais. Um olhar crítico por parte dos alunos, certamente, amenizaria o problema. É verdade que a sociedade tecnológica impôs mudanças bruscas na linguagem. A semiose hipertextual expandiu seus domínios e invadiu desordenadamente outros territórios, física e funcionalmente semelhantes, contaminando-os. O professor de língua materna pode tirar proveito desse caos aparente e usar a situação para traçar os limites entre os gêneros. Participar de fóruns de discussão, instituídos por uma plataforma de ensino, requer uma conduta totalmente distinta daquela permitida em bate-papos virtuais informais. Faz-se necessário, antes de tudo, estabelecer o confronto, identificar as convergências e discrepâncias e, assim, enveredar por terras desconhecidas ou, ainda, um tanto “perigosas”.

Se é certo que as condições de produção do fórum favorecem o surgimento de uma escrita estilisticamente alheia à língua padrão, também é verdade dizer que não constituem o único fator para a prática das transgressões. Não raro os casos em que é explícito o total desconhecimento dos preceitos decorrentes da gramática tradicional. Mais uma vez, é imprescindível afirmar que o domínio das prescrições gramaticais não determina o nível de inteligência nem a capacidade de quaisquer profissionais. Estamos analisando o fenômeno sob o prisma da ética humana e profissional e, nessa perspectiva, professor e aluno concentram atribuições que necessitam ser cumpridas em favor da manutenção de uma dada ordem social.

O ensino à distancia, ao mesmo tempo que intensifica a democratização da educação, dá uma maior visibilidade às problemáticas e polêmicas que acompanham historicamente a formação e o funcionamento dos cursos superiores. No caso específico do curso de Letras, essas dificuldades se revelam mais latentes visto que a área humanística ainda conserva orientações teóricas e metodológicas divergentes. Como manter um posicionamento coerente a respeito dos

fatos lingüísticos se a própria instituição e seus cursos não definem satisfatoriamente suas metas e parecem não se preocupar com o tipo de profissionais que estão formando.

A ética e a credibilidade profissional constituem emblemas norteadores da conduta de todo indivíduo que executa determinada atividade, seja ela lucrativa ou desfavorável, elitizada ou marginalizada, fatigante ou prazerosa. E a docência não é uma exceção regra. Nela, como não poderia ser diferente, as insígnias morais encontram-se atreladas à linguagem. Ignorar os preceitos gramaticais, mesmo que sejam contraditórios, retrógrados e preconceituosos, constitui um comportamento, no mínimo, irresponsável. É indispensável que o corpo docente, inserido nesta modalidade de aprendizagem, assumam uma postura reflexiva diante da língua. Escrever textos, estruturalmente inadequados, leva a uma estigmatização daquele que o produz e da instituição da qual faz parte. Apesar de, democraticamente, as instituições defenderem a mudança e a evolução dos conceitos, sua burocratização obstaculiza essas transformações.

Ainda sem o suporte pleno da webconferência, a virtualidade da plataforma *moodle* possibilita-nos apenas a apreensão da modalidade escrita. A inexistência do contato face a face, muitas vezes, nos impele a mistérios e dúvidas. Nossas produções textuais dizem muito sobre nós. Não é à toa que a linguagem irrompe-se como um veículo através do qual expressamos pontos de vista, crenças e valores que denunciam quem somos e o que pretendemos. No ambiente *on line*, o professor “*reconhece*” o aluno a partir dos textos que este produz. Até que ponto, a imagem esboçada pela escrita reflete verdadeiramente o conceber do aprendiz. Corre-se o risco (e isso é possível, dadas as circunstâncias particulares dessa interação) do docente estabelecer um vínculo com um indivíduo desconhecido, ou seja, uma *persona* que não esteja, legalmente, matriculada na disciplina. O curioso é que, assim como a farsa pode ser instituída, ela pode ser descoberta. A diversidade de tarefas propostas dificulta esse tipo de engodo. Um professor cuidadoso e observador consegue, à medida que avalia os textos, construir o perfil do aluno e, dessa forma, identificar as situações “*estranhas*”.

Sem dúvida nenhuma o fórum acadêmico, dada a sua “jovialidade”, ainda não deixou claras suas regras. Alguns participantes adentram no gênero sem conhecer as diretrizes que regem o seu funcionamento. Daí a importância do professor que, antes de começar o “jogo”, deve apresentar as peças, determinar seus movimentos e, sobretudo, instituir as penalidades, caso alguma infração seja cometida. Quando se conhece bem o terreno, os caminhos apresentam-se menos tortuosos.

### **3. Considerações finais**

A revolução tecnológica mudou radicalmente os rumos da educação mundial. A sala de aula tornou-se, ao mesmo tempo, nômade e estática, gigantesca e minúscula, efêmera e duradoura. Esse ambiente revolucionário impingiu à linguagem transmutações que ainda não foram muito bem compreendidas e assimiladas. Os usuários, embevecidos com a dinamicidade das experiências virtuais, trazem para o espaço pedagógico conceitos lingüísticos dissonantes com o papel social que assumem nesse novo aporte educacional.

As influências externas são tão acentuadas que grande parte do público discente ignora ou distorce o princípio da variabilidade lingüística. Muitos mantêm uma expressão escrita em desacordo com o tipo de interação que realizam. O clima de novidade, em muitos casos, é utilizado para justificar essa conduta. Não somos extremistas ao ponto de condenar os transgressores. Somente alertamos para a necessidade de repensar o problema, no intuito de que busquemos meios mais contundentes e não menos democráticos para solucioná-lo ou, ao menos, contorná-lo.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcus. Nada na língua é por acaso. In: **Revista Presença Pedagógica**. v.12, n.71, 2006.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Lingüística Geral**. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Da fala para a escrita – Atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2003.

PÉCORA, Alcir. **Problemas de Redação**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.